

UM CAMINHO PARA O ESTUDO DOS PRONOMES

Mirto Groppi*

RESUMO: A. Cardinaletti and M. Starke em *The Typology of Structural Deficiency. On the Three Gramatical Classes* propõem uma divisão dos pronomes pessoais em três classes: fortes, fracos, clíticos e afirmam que a base das assimetrias que permite essa divisão é a deficiência da estrutura. O artigo examina os dados do português do Brasil à luz daquela proposta.

Palavras-chave: pronomes, formas fortes, formas fracas, clíticos, português do Brasil.

1. SOBRE O ESTUDO DOS PRONOMES

O interesse pela comparação das línguas tem se manifestado com características peculiares em diferentes momentos da história da lingüística. Uma fase desse interesse é a representada pelos estudos que começaram a aparecer nos anos oitenta, dentro da gramática gerativa, isto é, dentro de um quadro teórico que trata de construir modelos explícitos do conhecimento lingüístico dos falantes. A teoria chama de *Gramática Universal* aquele conhecimento que supõe biologicamente determinado, como faculdade da espécie. Os princípios dessa gramática devem ser abstratos o suficiente como para ter caráter universal e possibilitar diferenças entre as línguas particulares, ou em termos da teoria, possibilitar a fixação dos parâmetros de variação por parte do falante em contato com os dados no interior de uma comunidade lingüística. Em contato com os dados empíricos, a criança faz um conjunto de seleções entre as possibilidades que a Gramática Universal propõe. De maneira por demais abreviada, esta é a forma como o modelo de Princípios e Parâmetros da gerativa se relaciona com o interesse pela variação. A variação só

* Universidade de São Paulo (pós-graduanda de Filologia e Língua Portuguesa - DLCV-FFLCH).

pode ter limites restringidos porquanto permitidos pela gramática universal. Assim, a definição desses limites da variação adquire verdadeira importância e esta informação sobre os limites possíveis só pode vir de estudos comparativos.

Uma vez estabelecido o interesse dos estudos comparativos, é fácil ver que a comparação de sistemas que supomos não muito afastados pode ajudar na identificação dos dados reveladores em relação ao parâmetro que podemos supor em jogo, enquanto que sistemas que apresentam diferenças correspondentes à interação de vários parâmetros podem dificultar aquela identificação. Esta é uma das razões para propor o contraste entre dados do espanhol e do português, sendo que razões de outra natureza – antropológicas, sociais, históricas, culturais e até políticas – são *per se* evidentes, ao se tratar das línguas de países que partilham uma fronteira, como o Brasil e o Uruguai, sem esquecer do interesse que aquele contraste pode representar para aqueles que trabalham na área dos estudos diacrônicos, ao se tratar do contraste entre línguas européias faladas em terras americanas.

O cúmulo de esforços desenvolvidos nos últimos anos no estudo do português do Brasil tem mostrado diferenças importantes com o português europeu. Entre elas, são repetidamente salientadas as diferenças no uso dos clíticos. Em relação ao espanhol, a bibliografia sobre clíticos salienta – especialmente desde o trabalho de Jaeggli (1982) – a peculiaridade do espanhol usado no Rio da Prata, que apresenta maiores possibilidades no uso dos clíticos que o espanhol peninsular ou aquele de outras áreas americanas. Isto motiva que a atenção seja dirigida ao espanhol falado em Montevidéu. São estas, portanto, as razões para a escolha do assunto deste trabalho.

1.1 Levando em conta as considerações feitas acima, gostaria de examinar aqui alguns dados do português¹ – e do espanhol, quando o contraste for pertinente – à luz de uma proposta para a análise dos prono-

1 Os dados considerados pertencem ao português usado no Brasil (PB) e ao espanhol usado no Uruguai (EU).

mes feita por Anna Cardinaletti e Michel Starke (em diante, C e S), com o título *The typology of structural deficiency. On the three grammatical classes*.²

Considero que a proposta de C e S é um instrumento muito útil para a compreensão das propriedades das formas pronominais, a inter-relação entre as classes e a existência mesma de um paradigma de formas de pronomes pessoais dividido em classes diferentes.

1.2 Dentro do paradigma dos pronomes pessoais tem sido tradicional uma distinção bipartida entre formas fortes de um lado e formas fracas ou clíticos do outro lado. Uma primeira contribuição do trabalho de C e S é a proposta de uma classificação tripartida – clítico, formas fracas, formas fortes –, de tal maneira que uma classe aparece como um subconjunto da outra. Descobrir qual o elemento que subjaz à partição e que acarreta um conjunto de assimetrias distribucionais, morfológicas, semânticas, prosódicas e fonológicas, é um dos objetivos do trabalho de C e S.

1.3 O trabalho foi assim organizado: em 2. é apresentado um resumo da proposta de C e S; em 3., as assimetrias dos pronomes pessoais nos diferentes níveis da gramática, que caracterizam a divisão em classes, são apresentadas em francês ou italiano, línguas que segundo os autores apresentam as três classes de pronomes, e observadas em dados do PB. As peculiaridades dos pronomes do PB são consideradas especificamente na seção 4. Finalmente, em 5 são apresentadas as conclusões.

2. A PROPOSTA DE CARDINALETTI E STARKE

2.1 Introdução

C. e S. começam por mostrar as oposições entre formas fracas (weak) e formas fortes (strong) dos pronomes pessoais, fenômeno que

2 CARDINALETTI, A. & STARKE, M., January 1993-May 1994, ms.

pode ser observado através de diferentes línguas e através dos diversos componentes da gramática.

As chamadas formas fracas com frequência apresentam redução morfológica em comparação com as formas fortes e integram, junto com os clíticos, a classe que C e S chamam de *deficient pronouns*, isto é, pronomes deficientes ou reduzidos. Essa redução não é só morfológica e fonológica como sempre foi observado, mas, segundo os autores da proposta, também semântica e sintática.³

Vamos ver alguns exemplos⁴ de formas fortes e formas deficientes no português:

1) português

- a. *Ele me* comoveu.
- b. *Eu já lhe* disse isso.
- c. *Ele e ela* voltaram juntos.
- d. *Eu *te e lhe* disse isso
- e. *Eu* disse isso **lhe*

Os pronomes *ele*, *ela*, *eu*, apresentam a distribuição própria dos pronomes fortes, segundo vamos ver. Podemos observar que esses pronomes fortes admitem a coordenação (1c). Já as formas *me* e *lhe* não admitem a coordenação (1d) e só podem aparecer junto do verbo. Este comportamento perante a coordenação pode ser considerado uma propriedade básica para a divisão das formas pronominais. Vamos considerar as outras propriedades que C e S atribuem a cada classe para ver se elas coincidem com os dados do PB.

2.2 A Tripartição

Os autores observam diferentes oposições entre as classes de pronomes fortes e pronomes deficientes, e chegam à idéia de que a

3 E essa divisão que a classe dos pronomes apresenta não seria exclusiva dos pronomes mas um fenômeno que envolveria outras categorias. Aqui só vamos considerar o tocante aos pronomes e nem sequer vamos examinar a proposta toda; a parte mais formal da análise seria motivo de um outro trabalho.

4 Quando não têm outra indicação, os exemplos são meus

partição em duas classes abstratas é descritivamente insuficiente: "regularly, pronominal systems divide into three distinct distributional patterns".

Segundo estes autores, o italiano oferece exemplos claros desta tripartição: clítico *gli*, forma fraca *loro*, forma forte *a loro*.

2) italiano

- a. Non *gli* dirò **gli* tutto **gli*
- b. Non **loro* dirò *loro* tutto **loro*
- c. Non **a loro* dirò **a loro* tutto *a loro*
- d. Non dirò mai tutto *a lui e lei*
- e. Non **gli e le* dirò mai **loro e lei* tutto (CeS)

No exemplo (2) acima, podemos ver que o clítico (*gli*) só pode aparecer junto do verbo – cliticizado ao verbo –, provavelmente na categoria funcional até onde o verbo subiu. A forma *loro* aparece numa posição que nem as formas do clítico nem as dos pronomes fortes podem ocupar. Esta forma, que pode ocorrer como pronome forte na posição de sujeito, ocorre como pronome fraco na posição de objeto, segundo C e S. Pode também atuar como pronome forte objeto se precedida de preposição.

Pronomes fortes e fracos ocupam posições de sintagmas. Por outro lado, clíticos e pronomes fracos, entre outras características, partilham a de não poder aparecer na coordenação. Estas propriedades mostram o lugar intermediário que as formas fracas ocupam.

2.3 Três estruturas diferentes

Para entender exatamente qual a proposta dos autores a respeito da estrutura sintática destes pronomes, vamos ter que considerar o paralelo que C e S estabelecem entre a estrutura da sentença e a estrutura do sintagma nominal, (no caso, dos pronomes).

Para C e S, se for levada em conta a hipótese que coloca a morfologia flexional como relevante para a sintaxe, a redução morfológica (v.: 3.2.)

seria um elemento relevante nesta tripartição das formas pronominais. Quanto mais deficiente for um pronome, menor o número de traços/projeções ele poderá conter; portanto, mais deficiente também a sua estrutura sintática. Os clíticos são a classe pronominal com morfologia e estrutura sintática mais reduzida; os pronomes fortes apresentam maior número de traços, morfologia mais "completa", sintaxe mais "completa".

Nesta visão que coloca em paralelo a estrutura da sentença com a estrutura dos elementos nominais, a categoria funcional mais alta das estruturas nominais vai ser considerada como "complementizador" (C) – em analogia com o complementizador da sentença – e conterá traços referenciais; seria o nível presente em pronomes fortes e ausente em pronomes fracos e, portanto, também nos clíticos. Isso faria a diferença nas possibilidades referenciais que os pronomes fortes apresentam, como vamos ver (v.: 3.4.).

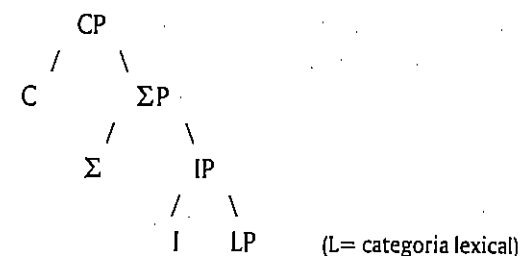
Se a diferença entre formas fortes e formas deficitárias é dada pela presença da categoria C, que tem a ver com os traços referenciais, qual seria então a diferença entre formas fracas e clíticos?

C e S – seguindo aqui uma proposta de Laka (1990)⁵ – propõem uma outra categoria funcional, Σ , colocada entre as categorias funcionais C^o e I^o, que na sentença conterá traços de polaridade (asserção/negação) e foco, e que, no pronome seria o lugar dos traços do item lexical relacionados com a prosódia. Esse nível estaria, segundo C e S, presente nas formas fracas (que recebem acento) e ausente nos clíticos (que são átonos).

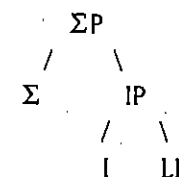
Uma estrutura de frase com esses três níveis oferece – na visão dos autores – um modelo transparente para a deficiência estrutural: elementos que apresentam a categoria mais alta correspondem a formas fortes; se faltar essa categoria mais alta, a forma deficiente será aquela de um pronome fraco e se ainda faltar a categoria S, teremos um clítico, elemento que não contendo traços relacionados com a prosódia tem que se associar a eles através de uma configuração adequada.

5 LAKA, I. (1990) *Negations in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Ph.D. Diss. MIT.

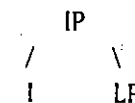
FIG. 1 a. pronomes fortes:



b. pronomes fracos:



c. clíticos:



(Op. cit. 6.2.6.)

3. AS ASSIMETRIAS

3.1 A oposição entre as classes

Como C e S salientam, todas as propriedades que diferenciam os pronomes fracos dos fortes também diferenciam os clíticos dos fortes.

As características dos pronomes fracos constituem um subconjunto das características deficitárias dos clíticos. Portanto acredito que possa ser dito que fica estabelecida uma oposição do tipo privativo⁶ entre as classes, onde uma classe apresenta uma base (de propriedades) comum com uma outra classe e mais um traço ou propriedade que a outra classe não tem.

Os autores demonstram que as assimetrias que distinguem as três classes atravessam todos os componentes da gramática, como vamos ver logo.

3.2 Prosódia /fonologia

pronomes fortes: sempre acentuados; às vezes, recebem acento prosódico de foco contrastivo.

pronomes fracos: tem acento, à diferença dos clíticos; podem sofrer processos de reestrutura fonológica, a diferença dos fortes.

clíticos: nunca acentuados; sofrem processo de reestrutura (*liaison*, contração, cliticização):

3) PB

Numa panela, coloque 1/3 de xícara de açúcar com a água e leve ao fogo baixo, mexendo para *dissolvê-lo*

4) português europeu

A grande notícia, dou-*ta* eu agora (A. M.Martins, 1994, p. 231)

C e S observam que os pronomes fortes, que podem aparecer coordenados, aqueles que seguem uma preposição, aqueles que ocorrem em construções clivadas ou os que são usados em ostensão, nem sempre são focalizados do ponto de vista prosódico. Esses enunciados

podem ser pronunciados com entoação não marcada (*flat intonation*). Portanto, para dar conta do fato de que o pronome forte é admitido com uma prosódia não marcada, mas é admitido também, em outras construções, com acento contrastivo, é necessária uma noção primitiva diferente daquela de foco prosódico. "Since strong pronouns can be prosodically unaccented and deficient pronouns can be prosodically strongly accented, prosody cannot be the underlying factor guiding the distribution of deficient/strong pronouns." (*op. cit.* 2.8.5.)

Nos exemplos a seguir podemos ver formas fortes que não são os elementos marcados prosodicamente na sentença (pronomes em *italico* em 5 e 6) e pronomes deficientes que podem ser marcados (7):

5) português

a - *Ele* falou *SÓ* ISSO

b - É *HOJE* *MESMO* que eles vêm.

6) espanhol

Él dijo ESO, nada más.

7) francês

- Mais, tu ne vois donc pas ce livre? - Bien sûr que je *LE* vois.

(C e S)

Quando o elemento focalizado não corresponde, ao referente proeminente, ao referente esperado, então só pode ser representado pelo pronome forte:

8)

ELA que organiza os desfiles aqui (M.Braga)

C e S aceitam que é muito pouco o que se sabe sobre a relação entre a sintaxe e a prosódia, porém é geralmente aceito que: "prosody is sensitive to «major syntactic constituents» and that CP is such a constituent" (*op.cit.* 5.5.). Fica assim interpretada a relação entre a pre-

6 V. TRUBETZKOY, N. (1976) *Principios de Fonología*, Madrid, Cincel.

sença dessa projeção funcional nos pronomes fortes e a característica prosódica, o que constituiria mais uma prova de uma estrutura deficiente para as formas de pronomes fracos ou clíticos.

3.3 Morfologia

pronomes clíticos e fracos: apresentam morfologia reduzida em relação aos pronomes fortes.

Há uma relação do tipo: clíticos \leq fracos \leq fortes, isto é, a morfologia dos pronomes deficientes é "menor" que a morfologia dos pronomes fortes. Mas, as vezes, a morfologia das formas fracas é coincidente com aquela dos pronomes fortes, como no inglês <him, him>.⁷

9) português

Ela chegou mas eu ainda não *a* vi.

a < *ela*

10) espanhol

a. *La* vi *a ella*

b. *Los* vi *a ellos*

la < *ella* ; *los* < *ellos*

3.4 Distribuição

pronomes fortes: aparecem em posições de base, assim como em posições periféricas (como em topicalizações ou clivadas).

pronomes fortes e pronomes fracos: constituem sintagmas.

7 "If only deficient pronouns may be destressed and contracted, then this is the strongest evidence of an otherwise quasi-untestable systematic homonymy of strong and deficient pronouns in English: pronouns such as *him* may both be coordinates (and therefore strong) and may form a unique prosodic domain with a left-adjacent verb (and are therefore deficient)."

clíticos: aparecem em posições derivadas; são núcleos e se movimentam como núcleos (i.e., para os núcleos das categorias funcionais, enquanto que formas fracas podem ir para os especificadores dessas categorias).

11) português

– *em posições argumentais:*

a. *Ele me* comoveu.

b. *Eu já lhe* disse isso.

c. *Eu* disse isso **lhe*.

– *em estruturas clivadas:*

d. Francamente é *you* que deixou de pagar a conta do telefone primeiro (G. Müller de Oliveira, 1993)

– *em isolamento (resposta):*

e. – Quem falou isso? – *Eu/*Me/*Mim*.

Os pronomes fortes aparecem em posições onde um sintagma nominal pode aparecer. Nos exemplos em (11) do português, vemos os pronomes *Ele*, *Eu*, no especificador ocupado geralmente pelo sintagma nominal sujeito.

Estas são, também, as formas que aparecem nas posições periféricas: em (d) o pronome é focalizado através da construção clivada; em (e) vemos que clíticos não podem ocorrer isolados – sem a flexão verbal – como respostas.

Os pronomes *me* e *lhe* não admitem elementos entre o verbo e eles.

3.5 Semântica

3.5.1 *pronomes fortes:* só têm interpretação humana

pronomes fracos e clíticos: precisam de um antecedente proeminente no discurso e podem ter referente (+humano) ou (–humano).

O fato de os pronomes fortes não aparecerem como sujeitos semanticamente vazios e de os pronomes deficientes poderem aparecer com interpretação impessoal e no lugar de expletivos, estabelece a oposição semântica fundamental entre as duas classes de formas, de acordo com o trabalho de C e S.

No caso dos verbos meteorológicos, línguas como o português e o espanhol apresentam sujeito nulo, e o francês, língua que não tem esta possibilidade, apresenta a forma deficiente do pronome como expletivo:

12)

- a. Está chovendo
- b. *Ele está chovendo⁸
- c. Está lloviendo
- d. *Él está lloviendo
- e. Il pleut
- f. *Lui (il) pleut

Nos exemplos do português – e nos exemplos do espanhol – podemos ver que o pronome nulo representa o expletivo nas sentenças ditas impessoais. O pronome nulo equivale a um pronome fraco no que diz respeito a possibilidades referenciais.

13)

- a. Trouxeram esta carta para você.
- b. Eles trouxeram esta carta para você.
- c. Trajeron esta carta para ti.
- d. Ellos trajeron esta carta para ti.

Em 13b), com a presença do pronome, a interpretação é a que corresponde a uma sentença com sujeito referencial. Em 13a) poderíamos

⁸ No galego a ocorrência com o pronome é gramatical, v: Casteleiro (1975), Raposo (1992), Raposo e Uriagereka (1990).

ter – dependendo do contexto – uma interpretação de sentença com sujeito referencial, mas também é possível a interpretação da sentença com sujeito não referencial.

Ainda devemos apontar o fato de que, provavelmente, o exemplo em (c) do espanhol seja de uso mais amplo do que o exemplo correspondente no PB. Quando no contexto apropriado – isto é, um contexto que fornece o antecedente para o *pro* – nas duas línguas (c) e (a) seriam gramaticais como sentenças com sujeito referencial, mas a probabilidade de ocorrer uma sentença semelhante no espanhol é muito alta, dado que os pronomes fortes do espanhol têm, provavelmente, um valor contrastivo maior do que eles têm no PB. Esta propriedade, que pode ser percebida nos textos e nas trocas comunicativas, é difícil de ilustrar fora de fragmentos de discurso de certa extensão. Mas, provavelmente, os trabalhos que mostram a porcentagem de sujeitos preenchidos com formas pronominais no PB sugerem que as formas do pronome sujeito no PB são formas mais neutras que as correspondentes do espanhol.⁹

Quanto aos pronomes deficientes, podendo ocorrer como não referenciais, só conseguem aparecer como referenciais quando vinculados com um antecedente proeminente no discurso. Esse antecedente estabelece, segundo C e S, um domínio (ingl. *range*) para as formas deficitárias.

14) Dava muita menina naquele casal. Como educá-las? (C. Drummond de Andrade, *Entre a orquídea e o presépio*)

O clítico pode ser usado quando co-referencial com um antecedente proeminente que estabelece um domínio para o clítico, segundo

⁹ V: por exemplo, Raposo citado acima, e para o espanhol, Bentivoglio (1987), Barrenechea y Alonso (1969) (entre muitos). Especialmente, podemos citar A. Elizaincín (1995, p. 117): "The third personal pronoun in the function of subject is characterized – from the textual standpoint – by its anaphoric value with respect to an expressed or tacit nominal phrase (NP) [...] In this manner, the topic, coded in the informative structure mainly as subject, may be maintained through a relatively extensive interaction [...] In case such a strategy were not necessary (since there are alternative means), the elision of the pronominal subject is the solution favored by Spanish." (Destaque em itálica, MG).

a explicação de C e S; trata-se de entidades salientes na situação da troca comunicativa e portanto, o esperado é o falante referir a essas entidades.

As formas fortes não precisariam, segundo C e S, do domínio do antecedente porque estabeleceriam o próprio domínio, e por causa disso também não podem aparecer como sujeitos não referenciais, daí a agramaticalidade de (12b.) acima.

3.5.2 Para poder entender melhor a diferença nas possibilidades referenciais, os autores acham de interesse que também a diferença entre sujeitos pronominais genéricos e impessoais seja considerada, já que os pronomes fortes não podem ser não referenciais – impessoais – mas ocorrem em construções genéricas:

15) Quando *a funcionária* entra na minha fábrica, *ela* realiza cursos, algumas vezes no exterior, onde aprende desde o corte e o tingimento até o acabamento das peças.

(*Mulher de Negócios*, nº 3, Ano 1, 1995)

Os sujeitos genéricos não são estritamente referenciais, mas requerem uma restrição de domínio para que a sentença seja aceitável; ou eles estão representados por um sintagma nominal, e então o conteúdo lexical estabelece o domínio para a referência, ou no contexto há uma expressão adverbial ou uma frase nominal precedente que serve para esses fins.

A conclusão dos autores é que se os pronomes fortes são compatíveis com a interpretação genérica é porque o genérico requer um domínio para o sujeito e os pronomes fortes possuem esse domínio.

3.5.3 C e S indicam como uma outra diferença entre pronomes fortes e pronomes deficientes o fato de que o pronome forte impõe uma interpretação (+humana), sendo que os pronomes deficientes podem ter interpretação (+ humana) ou (-humana).

Os autores ainda apontam uma contradição nos pronomes fortes: eles devem ter um domínio independente de um antecedente, mas eles não possuem um núcleo nominal que inclua um domínio. Assim, dizem C e S, o traço (+humano) deve ser o "default range" da linguagem humana.

Podemos entender então que os pronomes fortes não possuem um domínio à maneira dos nomes, o seu domínio é o traço (+ humano): isso permite a compatibilidade com a interpretação genérica em contextos em que o genérico é (+ humano), e também impede a ocorrência desses pronomes como expletivos de verbos meteorológicos.

Já os pronomes fracos, e entre eles o nulo, vão depender de um antecedente proeminente para a identificação: não existindo esse antecedente não há referencialidade. Assim, o francês pode usar formas deficientes com realização fonética para sentenças em que o português e o espanhol preferem o nulo:

16)

a. Ils m'ont vendu un livre pas cher (interpretação referencial ou não referencial)

b. Eux (ils) m'ont vendu un livre pas cher (só interpretação referencial) (C e S)

Neste ponto me interessa apresentar uma diferença entre o português e o espanhol porque considero que é um contraste que deve ser salientado:

17)

português

a. Não gosto desta saia; *ela* é muito curta.
espanhol

b. No me gusta esta pollera; *pro/*ella* es muy corta.

O pronome do português consegue referir a entidades (- humanas). O pronome forte do espanhol só pode referir a entidades (+humana).

nas)¹⁰, coincidindo com a descrição que C e S fazem para as línguas em geral. Neste caso o espanhol tem que recorrer ao pronome nulo que, como os autores apontam, tem comportamento de pronome fraco.

Essa oposição semântica é uma das oposições que autorizam o reconhecimento de, pelo menos, duas classes bem destacadas entre os pronomes do espanhol. O pronome de terceira pessoa do PB, segundo as colocações sobre o aspecto semântico que C e S fazem, estaria se comportando como uma forma deficiente nesse aspecto. Esta diferença entre pronomes no espanhol e no português deve ser um dos elementos que têm a ver com o dito acima sobre o maior uso do pronome nulo sujeito no espanhol e o maior preenchimento no PB. Não é, claro, uma explicação para o preenchimento desta posição no caso de PB; faço só uma relação entre frequência de uso e as possibilidades contextuais.

3.6 Escolha das formas

Os dados mostram que nos casos em que, em princípio, duas formas dos pronomes são possíveis, uma deficiente e uma forte, a forma deficiente é a escolhida: "descriptively, a strong form is impossible if a reduced form is at disposal" (*op.cit.*, 3.3.2.).

Mas, quando que o emprego da forma mais deficiente não é possível? Pelo que levamos visto, podemos dizer que quando não há antecedente o suficientemente saliente ou quando uma estrutura de sintagma é requerida.

- 18)
clítico < forma forte
a. Je le vois
b. *Je vois lui
c. Je vois *lui*
(CeS)

10 v. Thun (1981) e o trabalho já citado, Elizaincín (1995).

- 19)
forma fraca < forma forte
a. Il me voit
b. *Lui me voit
c. Lui *aussi* me voit
(CeS)

Em 18) e 19) vemos que o clítico, quando disponível, é a forma preferida (18 a e b, e 19 a e b); quando a ostensão introduz um referente não proeminente, então a forma fraca é o adequado (18c); quando é introduzido um modificador de projeções máximas, a forma não deficiente é a requerida.

Para línguas chamadas "pro-drop", o *pro* é o escolhido. O pronome nulo pode ser expletivo, pode ter referente não humano, não pode denotar um referente não proeminente, ocorre em posições marcadas para caso.

- 20) italiano
a. Gianni ha telefonato quando *pro* è arrivato a casa
b. * Gianni ha telefonato quando *lui* è arrivato a casa
(CeS)

Foi necessário manter os exemplos do francês e do italiano para ilustrar as oposições entre as três formas, já que não sabemos ainda se temos essas três classes no PB.

4. OS PRONOMES DO PB

4.1 Depois de ter acompanhado o resumo da proposta de C e S, surgem duas perguntas a respeito do PB: Podemos dizer que existem, nesta língua, pronomes fortes, pronomes fracos (equivalentes, por exemplo, ao italiano *loro*) e clíticos? Não poderia acontecer que, como no caso do

francês *moi*, ou do inglês *him*, exista homofonia ou que, simplesmente, falte alguma das classes?

Vamos ver como o pronome de primeira pessoa do francês apresenta a divisão em três classes.

21) francês

a. *Moi*, je veux aller au cinéma

b. Je *m'*habille tout de suite

c. Laissez-*moi* faire

Em a) o pronome (*moi*) aparece numa posição que, como já foi visto (3.3.), só pode ser ocupada pelos pronomes fortes. Em b), temos o clítico, que apresenta o processo fonológico típico destas formas deficientes, e que aparece na posição de próclise ao verbo. Em c), novamente encontramos a forma *moi* mas, esta vez, em posição enclítica: a forma partilha a morfologia com as formas fortes mas também, neste caso, mostra características de uma forma deficiente.

O estudo de C e S, com a descrição das três classes de pronomes, pode oferecer um caminho para encontrar as respostas para aquelas perguntas.

4.2 Vamos revisar as características das formas dos pronomes pessoais no PB que podem ocorrer como sujeito, como complemento de preposição, como objeto direto e como objeto indireto, levando em conta as propriedades que C e S consideram para colocar a divisão tripartida.

4.2.1 Sujeitos

Nem no PB nem no EU existem clíticos correspondentes às formas sujeito dos pronomes fortes. As formas dos pronomes pessoais do PB que ocorrem como sujeitos são as que aparecem em (22) abaixo. Essas formas se comportam como sintagmas que podem aparecer não só na posição do sujeito como em posições periféricas e admitem a

coordenação (v.2.2.). De acordo então, com as características distribucionais, sintáticas e fonológicas, podemos chamar essas formas do PB de pronomes fortes (strong).

Na descrição do PB feita por A.T. de Castilho em Ilari (1992), a respeito do paradigma dos pronomes pessoais para a função de sujeito, são mencionados os trabalhos de Perini (1985) e de Omena (1986), entre outros. De acordo com Perini, na região central do Brasil, *tu* e *vós* são omitidos, pelo que o paradigma fica sendo:

22)

P1: eu nós

P2: você vocês

P3: ele eles

(A.de Castilho, 1992)

O trabalho de Omena comprova a tendência a substituir *nós* por *a gente*: "Assim, a antiga expressão indeterminada penetrou no quadro dos pronomes pessoais, funcionando basicamente como *nós*, mas também como *eu*, quando o falante quer ser menos assertivo, como em «a gente desfila no Coroadado de Santa Cruz, né»". (A. T de Castilho, *op. cit* p.255).

Sugerimos antes que uma diferença entre PB e EU deve estar na frequência do preenchimento da posição do sujeito. Em Castilho (org. 1987), numa análise fundamentada em entrevistas do projeto NURC/SP, constatou-se a seguinte distribuição dos sujeitos: 25% elípticos, 38% pronominais e 23 % nominais (Castilho, em Ilari 1992). Não possuo dados numéricos semelhantes para o EU, mas posso lembrar dos dados para o espanhol de Buenos Aires, que também pertencem a uma pesquisa feita no corpus equivalente ao corpus do NURC¹¹. Nessa pesquisa, a porcentagem de presença de sujeito é de aproximadamente um

11 A. M. Barrenechea y A. Alonso (1969), trabalho feito com o corpus recolhido para o estudo o "Proyecto de estudio coordinado de la norma urbana culta de las principales ciudades de Iberoamérica y la Península Ibérica."

quinto da porcentagem da ausência de sujeito expreso. Não temos condições de fazer uma comparação rigorosa, mas sim de dizer que os números parecem apoiar a intuição de que a porcentagem de sujeito nulo no espanhol é muito mais elevada. Olhando os números das duas pesquisas, podemos observar que o sujeito nulo em São Paulo ocorre na quarta parte das sentenças enquanto que no corpus de Buenos Aires é o sujeito expreso que ocorre na quinta parte das sentenças.¹²

Do ponto de vista da capacidade referencial, também há uma diferença, como foi antes dito (v:3.4.) entre as formas do PB e aquelas do EU: as formas do PB admitem referentes (-humanos). Esta, segundo o trabalho de C e S é, como vimos, uma característica de formas deficientes, que não possuem uma categoria funcional na sua estrutura: a categoria do "complementizador". Também sugeri que, em certa medida, as diferenças grandes nas frequências possam ter alguma relação com esta propriedade. Este fator teria que ser incluído num estudo comparativo da presença/ausência de sujeito expreso nas duas línguas.

4.2.2 Sintagmas preposicionais

Como complemento de preposições são usadas as formas tônicas, os clíticos não são admitidos. Por outra parte, nem o português nem o espanhol modernos conservam clíticos locativos ou partitivos do tipo: italiano: locativo *ci*, *vi*, partitivo *ne*; francês: locativo *y*, partitivo *en*; catalão: locativo *hi*. Estes clíticos têm o comportamento de núcleos adjuntos a uma categoria funcional, enquanto que o complemento de uma preposição é um sintagma nominal, portanto, só um pronome com estrutura equivalente a um sintagma pode ocorrer nessa função. Vamos observar essa diferença no italiano, que possui esse tipo de clítico: 23) italiano

12 Para que possa ser feita uma comparação estrita em cifras acredito que seja necessário termos uma pesquisa feita absolutamente nos mesmos termos. Por exemplo, no trabalho de Barrenechea e Alonso não fica claro qual a relação entre sujeito pronominal, sujeito elíptico e sujeito nominal; por outro lado, o trabalho não computa verbos "cuyo sujeto no suele aparecer nunca", sendo que entre estes não só foram considerados verbos meteorológicos mas também verbos em imperativo e verbos de proposições subordinadas de sujeitos coincidentes com o sujeito da matriz.

- a. Ho vissuto tre anni *in questa casa*
- b. In questa casa, *ci* sono vissuto tre anni. (Calabrese e Cordin, 1991)
- c. (PP (P (NP)))

Vamos lembrar que C e S relacionam a diferença entre pronomes fortes e fracos à presença do que eles chamam de "dummy marker", e que exemplificam com a oposição <loro, a loro>. Se a preposição é ou não um "dummy marker" em certas estruturas não é um assunto que possa ser tratado aqui, mas também acho que podemos pensar que entre os elementos que chamamos *preposições* podemos ter objetos de classes diversas, portanto, provisoriamente, podemos aceitar que estamos usando o termo de maneira ampla, laxa. O importante é perceber que, no caso que consideramos, temos uma marca de "complemento de" (Starke 1993, *apud* Cardinaletti e Starke, op.cit., 5.2.3.), equivalente ao "complementizer" que podemos achar na sentença (*that*, *que*, etc). "Now the parallelism between the topmost functional projections associated to the verb, and those associated to the noun is too stinking not to be captured (...):

- a. [CPv *that* { θ , +wh } [IPv { ϕ } [...[VP]]]
- b. [XPn *offa* { θ + range, +- human } [IPn { ϕ } [...[NP]]] " (op.cit. idem)

Em b. XPn representa o nível mais alto da categoria nominal em que o núcleo – *complementizer* – fecha a projeção estendida do nome/pronome. Todo elemento forte teria – segundo a proposta de C e S – esse núcleo funcional, realizado ou não.

4.2.3 Formas que representam o objeto direto ou o objeto indireto

Em Galves (1994) encontramos o seguinte paradigma para o PB:

acusativo: me; te/você/*lhe; ele (ela)/o (a); nós/a gente; vocês; eles (elas)/os (as)

dativo: me; lhe/ a você; a ele; nós /à gente; a vocês; a eles (elas)

(*lhe: uso dialetal)

A respeito deste paradigma temos que considerar os seguintes fatos arrolados em Castilho (1992) como característicos do PB:

- a) a extensão do uso da expressão *a gente* (fato já mencionado aqui em 4.2.1.)
- b) "uso do pronome pessoal nominativo em função acusativa: *eu vi ele*" (Castilho, 1992, p. 245)
- c) "colocação do pronome pessoal átono em posição predominantemente proclítica: *me empresta dinheiro, vou lhe falar*" (Castilho, *idem*)
- d) "desaparecimento progressivo do clítico *o*, fato que permeia também a língua culta informal (Câmara Jr., 1957; Omena, 1978)" (Castilho, 1992, p. 251)
- e) frequência da ocorrência de objeto nulo (Tarallo, 1986; Omena, 1978; Duarte, 1989, todos citados em A. C. de Castilho, 1992, p. 259).

Os primeiros desses estudos sobre o PB chamaram a atenção para a relação das cifras, e estudos posteriores têm mostrado o relacionamento destes fatos entre si na constituição de uma "nova gramática". Assim, por exemplo, Pagotto (1993) estuda o ponto c) acima:

24)

a.PB:

Maria me viu

b.PE:

Maria viu-me

(Pagotto, 1993)

Esta constitui uma das diferenças entre o PB e o PE que a bibliografia pertinente salienta: o PB apresenta próclise ao verbo principal, enquanto que o PE prefere a ênclise. A consideração deste fato junto com outros vai permitir chegar à idéia de uma mudança profunda no sistema.

É interessante notar que, nos exemplos acima, o pronome *me* do PB parece se comportar como o mesmo pronome do espanhol, enquanto se afasta do pronome do português europeu:

25)

espanhol:

a. María me viu

b. *María viome

Pagotto (1993) apresenta os seguintes exemplos:

26) PB

a. Maria pode me encontrar hoje

b. *Maria pode o ver amanhã

c. Ele tinha me dado o livro

e diz: "O clítico *o* não pode ocorrer entre dois verbos, como os outros clíticos podem. Definitivamente, a posição que restou para os clíticos, neste caso, não é uma posição onde caibam clíticos marcadamente de concordância." (*op.cit.*, p. 202). A próclise ao segundo verbo é agramatical no PE. Saliento em *itálico*, na citação de Pagotto, a idéia da diferença entre as possibilidades de colocação dos outros pronomes pessoais tidos como clíticos e o clítico acusativo *o*. Pagotto retoma a hipótese de Silva (1990) de que os clíticos em PB tenham sofrido um processo de reanálise e mudado o seu estatuto categorial.

26') EU

a. María me puede visitar hoy

b. María puede visitarme hoy

c.*María puede me visitar hoy

Podemos ver em 26') o contraste entre as possibilidades de colocação dos pronomes do EU com os do PB: os clíticos do EU não podem aparecer entre os dois verbos.

É em vários trabalhos de Charlotte Galves que vamos achar uma hipótese unificadora, que tenta explicar todos aqueles fatos acima, e ainda vamos achar uma resposta para a nossa pergunta inicial a respeito da possibilidade de o português do Brasil apresentar ou não três classes de pronomes pessoais.

Galves (1993) propõe considerar o elemento de concordância da flexão do PB como "fraco", entendendo que é fraca a concordância que não contém pessoa ou contém pessoa como traço puramente sintático. No PB não há oposição 1ª- 2ª- 3ª, na flexão verbal, a oposição é binária:

+persona/-plural: -o
+persona/+plural: -mos
-persona/-plural: 0
-persona/+plural: -m
(Galves, 1994)

A concordância do PB é fraca do ponto de vista morfológico – ausência de 2ª pessoa – e do ponto de vista semântico: possibilidade de interpretar a 3ª pessoa do singular como indeterminada.

27) o que usa normalmente aqui no interior é o freio
(NURC, SP, *apud* Galves 1994)

Galves relaciona essa característica da concordância fraca com outras características da gramática do PB, através de uma análise em que a flexão tem papel central e propõe que o morfema de concordância fraco não constitui um núcleo de projeção funcional independente – como no caso da concordância forte – mas um simples afixo à categoria T(empo). Como resultado, o verbo sobe só até o nó T, onde estão os seus elementos flexionais, e não precisa continuar subindo até Agr. O sujeito recebe nominativo na posição de especificador de T. Assim, o "o enfraquecimento da flexão tem portanto como efeito uma reorganização da oração, em que o sujeito, no significado tradicional do termo, se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte" (Galves, 1993). O especificador de Agr, por sua vez, pode ser o lugar de geração de um outro sintagma nominal, interpretado como sujeito de um predicado que é a sentença toda, sentença que contém um pronome correferente com aquele SN mais alto:

28)
[*essa competência* [*ela é de natureza mental*
AgrP TP
(Pontes, 1981, *apud* Galves 1993)

Aqui é pertinente salientar o contraste com o espanhol:

29) *Esa competencia ella es de naturaleza mental

O problema aqui é determinar exatamente qual a diferença, se é na estrutura da sentença, ou na característica dos pronomes, ou temos as duas diferenças. Certamente, o pronome é diferente porque o espanhol não usa o pronome forte para recuperar um referente não humano como aquele do exemplo acima, como já foi dito aqui. Já uma diferença no que diz respeito à estrutura da sentença é um ponto a ser examinado com cuidado. O EU admite ocorrências como:

30) María, ella hoy no viene
(Caviglia *et al.*, 1993)

onde, além do SN inicial aparece o pronome forte como sujeito, correferente com aquel SN mais alto.

É necessário salientar que, para Galves, aquele SN mais alto (*essa competência*) está no especificador de "um núcleo Agr, independente da realização morfológica e dominando o sintagma temporal... definindo uma posição de sujeito suplementar" (Galves, 1993, p. 397).¹³

A unificação daquelas características do PB através desta análise é dada pelo fato de que o núcleo Agr é responsável pela legitimação do objeto nulo, segundo Galves: "o elemento de concordância abstrato que domina a oração legitima um tópico nulo que liga a categoria vazia objeto e permite que ela seja referencialmente identificada".

13 Uma das evidências que Galves cita para a existência deste núcleo Agr é a existência do infinitivo flexionado que mostra que há um elemento de concordância independente do morfema de tempo.

31) Esse buraco¹ pro taparam ele¹ outro dia
 [pro¹ Agr [NP T-Agr [tv NP
 AgrP TP VP

(Galves, 1993)

5. CONCLUSÃO

5.1 Como relacionar essa análise – e os dados do PB – com a proposta de C e S? O trabalho de Galves (1993) responde: “um verdadeiro sistema de clíticos, ou seja, de pronomes cuja caracterização lexical é serem núcleos – e não sintagmas – que se movem para a flexão na derivação sintática, implica uma concordância rica. [...] O fato de os outros clíticos terem sobrevivido, embora com menos saliência na língua, deve-se ao fato de que puderam ser reinterpretados como pronomes plenos (sintagmas), deslocados por uma regra de adjunção, e não mais como núcleos movendo-se para Agr”. (Galves, *op.cit.*, p. 400).

Para Galves, a oposição clítico/não clítico cede o lugar para a oposição “morfologicamente marcado com caso (me/te/lhe/se)/não morfologicamente marcado com caso (eu/ele/você).

Galves (1994) diz que podemos interpretar que o PB tem só um paradigma de clíticos “fortes”, entendendo “fortes” no sentido de Uriagereka (1992), que considera assim os pronomes que não se movem como núcleos mas como sintagmas, e que não são adjungidos ao núcleo da flexão mas à sua projeção máxima.

pronomes sem marca morfológica de caso: eu/ele, eles, ela, elas/você, vocês/nós
pronomes com marca morfológica de caso : me/nos / lhe/se
clíticos: o/a, sendó que este pronome subsiste como resíduo, na fala e/ou escrita formal, mas pertence a uma outra gramática.

Caberia ainda, aprofundar na consideração do pronome *ele*; a dúvida quanto à classificação desse pronome fica autorizada pela propriedade semântica de referir a entidades não humanas, o que poderia

corresponder a uma estrutura menos completa, na concepção de C e S. Porém, uma vez aceita a última análise acima colocada, poderia ser dito que só existe, no sistema do PB, uma única classe de pronomes pessoais e não três nem sequer duas no sentido proposto por C e S, sendo que essa classe apresenta uma divisão baseada só nas características morfológicas – como proposto por Galves – mas deveríamos talvez adicionar a observação de que o pronome de terceira pessoa apresenta alguma das características semânticas dos pronomes fracos de outras línguas, como a possibilidade de referir a não humanos. E essa seria uma diferença importante entre os pronomes fortes do EU e os pronomes do PB. Já entre os clíticos do EU e os pronomes do PB temos que salientar o fato dos clíticos se comportarem como núcleos e os pronomes do PB como sintagmas.

5.2 Como já foi dito, não vou considerar na totalidade a proposta de C e S; não vou examinar nem o número nem a natureza das categorias funcionais propostas, nem o princípio *Minimise* que, segundo os autores, subjaz à escolha das formas. O aspecto estritamente formal da proposta teria que receber uma análise detalhada, considerando a mudança que a teoria teve, o que requer um trabalho específico sobre o assunto. Isso nos afastaria do propósito de revisar os dados do PB em relação com a proposta de classificação dos pronomes do trabalho de C e S, e em contraste com os dados do espanhol quando conveniente.

Resta salientar o caráter esclarecedor e enriquecedor da proposta de C e S, que consegue uma visão unificadora das assimetrias entre formas, assimetrias que revelam uma relação de oposição privativa entre classes léxicas fortes, fracas e elementos clíticos. A base da oposição é uma deficiência estrutural que relaciona morfologia com sintaxe: a falta de certos morfemas significa a falta de projeções funcionais.

O exame dos pronomes do PB através dessa proposta ajuda a perceber contrastes, possibilidades, restrições e esclarece, enfim, um tema importante da gramática da língua.

BIBLIOGRAFIA

- BARRENECHEA, A.M.; ALONSO, A. (1969) Cuantificación del uso de los pronombres personales sujetos en Español. Trabalho apresentado no II Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, 1969, São Paulo.
- BENTIVOGLIO, P. (1987) *Los sujetos pronominales de primera persona en el habla de Caracas*. Caracas. Universidad Central de Venezuela.
- BRAGA, M. L. (1991) As sentenças clivadas do Português falado do Rio de Janeiro. *Organon*, 18, p. 108-125.
- CALABRESE, A.; CORDIN, P. (1991) I pronomi personali. In RENZI, L. (org.) *Grande grammatica italiana di consultazione I*. Bologna. Il Mulino.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. (1993) The typology of structural deficiency on the three grammatical classes. Trabalho apresentado no Encontro de gramática gerativa, Trento.
- CASTILHO, A.T. (1992) O Português do Brasil. In ILARI, R. *Lingüística românica*. São Paulo. Ed. Ática.
- CAVIGLIA, S.; GROPP, M.; MALCUORI, M. (1993) Estructuras tópico-comentario en Español. In Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). Campinas, UNICAMP. p. 267-86.
- DUARTE, M.E. (1989) Clíticos acusativos, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In TARALLO, F. (org.) (1989) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes.
- ELIZAINCÍN, A. (1995) Personal pronouns for inanimate entities in Uruguayan Spanish in contact with Portuguese. In SILVA-CORVALÁN, C. (ed) *Spanish in four continents. Studies in language contact and bilingualism*. Washington D.C. Georgetown University Press.
- GALVES, C. (1993) O enfraquecimento da concordância no Português brasileiro. In ROBERTS, I. e KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- GALVES, C. (1994) Clitiques et accord en portugais du Brésil. A ser publicado em: KOCH, Ingedore V. e SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (orgs.) *Linguistik in Brasilien*. Tübingen, Niemeyer.
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in romance syntax*. Dordrecht, Foris.
- MARTINS, A. M. (1994) *Clíticos na história do Português*. Tese de Doutorado. Univ. de Lisboa.
- OLIVEIRA, G. MÜLLER de (1993). Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos. *Letras*, 5, jan/jun 1993.
- OMENA, N. (1978) *Pronome pessoal de terceira pessoa: formas variantes na função acusativa*. Rio de Janeiro, PUC-RJ. Dissertação de Mestrado.
- PAGOTTO, E. (1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In ROBERTS, I. e KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- PONTES, E. (1981) Da importância do tópico em Português. In *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*, Rio de Janeiro, 1981.

- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa, Caminho.
- THUN, H. (1981) El sistema pronominal del Español en el contexto románico. La oposición entre persona y no-persona. In *Actas del II Congreso Nacional de Lingüística*. San Juan (Argentina), 5, nº 2, p. 259-69.
- URIAGEREKA, J. (1992) *Issues on clitic placement in western romance*. Univ. Maryland. Mimeo.

ABSTRACT: In "The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes", A. Cardinaletti and M. Starke propose a partition of personal pronouns into three classes: strong, weak, and clitic. This partition is supported by an array of asymmetries across all components of grammar. The authors claim that the trigger for all these asymmetries is the structural deficiency. On the basis of this analysis, this paper will explore some data from Brazilian Portuguese as compared to data from Spanish.

Keywords: personal pronouns, strong forms, weak forms, clitics, Brazilian Portuguese.